

CULTURA E LITERATURA AFRICANA DE ANGOLA: DIÁLOGOS ININTERRUPTOS

Ana Paula Teixeira Porto¹

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões acerca dos diálogos entre literatura angolana e cultura, objetivando mostrar como obras de autores como Manuel dos Santos Lima e Castro Soromenho realizam esse diálogo. A função dada pelos escritores e intelectuais angolanos à literatura é a de um instrumento de registro histórico e linguístico e de perpetuação cultural do país, para além de denúncia e contestação de regimes de opressão vivenciados nesse espaço.

Palavras-chave: Literatura angolana. Cultura. Manuel dos Santos Lima. Castro Soromenho.

ABSTRACT

This study presents reflections on the dialogue between Angolan literature and culture, aiming to show how works of authors such as Manuel dos Santos Lima and Castro Soromenho perform this dialogue. A given by writers and intellectuals Angolan literature is the role of an instrument of historical and linguistic register and cultural perpetuation of the country, in addition to the complaint and defense schemes of oppression experienced in this space.

Keywords: Angolan literature. Culture. Manuel dos Santos Lima. Castro Soromenho.

¹ Mestre e Doutora em Literatura Brasileira (UFRGS). Realizou estágio pós-doutoral sobre literatura africana de Angola na UFRGS. É professora do Mestrado em Letras da URI de Frederico Westpahlen. E-mail: anapaula@uri.edu.br.

As discussões teóricas sobre cultura sinalizam, assim, nitidamente, uma tendência a entendê-la como saber coletivo produzido por processos cognitivos e comunicativos heterogêneos, em função dos quais os indivíduos definem as suas esferas de realidade. Essa situação reflete-se de forma potencializada nos diálogos com uma dimensão igualmente complexa: a literatura. (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2008, p. 7).

Ao considerarmos que o texto literário é também produto de uma determinada cultura, uma vez que, conforme salienta Secco (s.d), a literatura, assim como as artes plásticas, encontra-se estreitamente ligada ao seu lugar de enunciação, é relevante pensarmos em que medida o discurso literário dialoga com os substratos culturais dos quais se origina, constituindo e reconstituindo uma determinada cultura. Nesse sentido, não há como negar o contato que uma obra de arte estabelece com seu contexto mesmo que este seja apenas um pano de fundo para a produção artística sem profundas articulações com o meio. Essa é uma perspectiva que se justifica porque

fatores geográficos, históricos, culturais, antropológicos, étnicos, econômicos, políticos, perpassam os discursos artísticos, estando em íntima correlação com as estruturas sócio-culturais. Os “saberes locais” podem, desse modo, ser apreendidos tanto nas malhas metafóricas dos textos literários, como nas metáforas cromáticas presentes na pintura. (SECCO, s.d., p. 1).

Também é igualmente importante refletirmos sobre o diálogo que a literatura – nosso objeto central de análise – pode empreender com seu povo, sua língua, suas tradições, sua história. Independentemente de ser elaborada oralmente ou por escrito, ser considerada clássica ou marginal, ser engajada socialmente ou apolítica, uma manifestação literária ou literatura propriamente dita sempre permite ao leitor conhecer o *locus* que fundamenta a sua criação literária, dada a especificidade da linguagem, a construção peculiar de um tipo humano, a descrição do ambiente ou do tempo narrativo, as temáticas selecionadas, etc. Esse diálogo que a literatura estabelece com sua cultura é, portanto, universal e inerente ao processo criativo

literário, cabendo uma discussão sobre como essa articulação transcorre e que leituras podem ser feitas a partir de um diálogo tão fecundo e promissor. Interessa-nos pensar nessas articulações no campo do discurso literário angolano.

Assim como em qualquer lugar de mundo, na África “afrolusitana” também percebemos como a cultura e a literatura dialogam e como a formação de uma está entrelaçada a outra. Nesse contexto de inter-relações culturais e literárias, é importante frisar que países que formam o PALOP (designação dada aos cinco países africanos que têm a língua portuguesa como a oficial), como Angola, tiveram sua cultura local mesclada com a do colonizador em um processo marcado por conflitos e guerras até a derrocada do português branco das terras africanas por ele colonizadas, o que ocorrera apenas no século XX. Tais conflitos desencadearam, no campo cultural e da imprensa, uma luta constante de artistas, jornalistas e intelectuais em um processo de luta e resistência contra a invasão, expansão e dominação do colonizador. Em Angola, por exemplo, que teve seu processo de colonização iniciado, conforme Amorim e Paladino (2012, p. 47), em 1483, quando “Diogo Cão, um navegador a serviço da Coroa Portuguesa, chegou à Foz do Rio Zaire [...] e fixou no local um padrão de pedra com o brasão português”, a independência política, a última dos países do PALOP, foi alcançada somente em 1975 depois de mais de 25 anos de luta armada. Durante todo período colonizatório, os angolanos, através de textos jornalísticos e literários publicados em jornais, oportunizaram aos leitores – mesmo que reduzidos dado o alto índice de analfabetismo angolano – conhecer sua cultura e seu projeto de constituir a sua Ngola, mais tarde simplesmente Angola.

Para um debate acerca das relações entre cultura e literatura, tomemos como ponto central a cultura e a literatura de Angola, especificamente a produzida a partir da segunda metade do século XX, objetivando discutir como sua literatura possibilita a expressão de uma cultura africana peculiar que sobrevive apesar dos longos anos de dominação e aculturação portuguesa. Se pensarmos na cultura africana de Angola, que reflexões podemos estabelecer sobre a literatura produzida nesse país quando ainda era colônia portuguesa? Como a literatura tornou-se instrumento de difusão de uma cultura que estava sendo apagada pelo invasor português? Que papel essa literatura teve no sentido

de lutar pela tradição, costumes e a cultura de seu povo?

Um primeiro indício do processo cultural em Angola, quando pensado em sua correlação com as letras, fundamenta-se na ação imposta pelos portugueses relacionada a mudanças da vida social de sua maior colônia na África, especialmente depois de ter perdido a colônia brasileira no século XIX. Uma das medidas adotadas nesse sentido refere-se ao acesso de grupos africanos a poucas escolas existentes na região, pois dessa forma Portugal objetivava “investir em uma ‘ação civilizadora’, tornando o africano um assimilado” (AMORIM; PALADINO, 2012, p. 48). Além disso, a língua portuguesa foi sendo implementada aos poucos em escolas e instituições públicas, sendo reprimido o uso dos idiomas locais. Como destaca Boaventura Cardoso (2010), com o Decreto nº 77, de 9 de dezembro de 1921, assinado pelo Alto Comissário da República Portuguesa, o qual orientava para o ensino da língua portuguesa e não o de qualquer outra língua estrangeira, assim como para a restrição ao uso da língua indígena, permitida apenas em catequese como língua auxiliar ao ensino da língua portuguesa, acentuou-se um desprestígio das línguas locais e uma supervalorização do idioma do colonizador.

No entanto, esse apagamento das línguas locais não foi plenamente incorporado no campo literário, uma vez que, de acordo com o que apontam Amorim e Paladino (2012), escritores como Joaquim Cordeiro da Matta destacaram a necessidade de perceber a diferença cultural em relação ao colonizar e de valorizar o africano, o que ocasionou por parte deste escritor a composição de poemas na língua quimbundo, além da composição de versos que enaltecem a mulher negra, por exemplo, como em “Negra”: “Negra! negra! como a noite/d’uma horrível tempestade, /mas, linda, mimosa e bella,/ como a mais gentil beldade!/Negra! negra! como a asa/do corvo mais negro e escuro,/mas, tendo nos claros olhos,/o olhar mais límpido e puro!”. Ao se negar a usar exclusivamente a língua portuguesa, culturalmente a obra de vários escritores cumpriu uma importante função: a de manter vivas as línguas angolanas como forma de resistência ao apagamento da identidade angolana, considerando a língua como elemento imprescindível à constituição do sujeito. Escritores como Boaventura Cardoso, atentos à discriminação social imposta pelo uso

da língua, também tomaram “consciência de que a insubordinação ao regime colonial dominante passava também pela desconstrução do português-padrão a partir do modo particular dos angolanos expressarem as suas mais profundas aspirações.” (BOAVENTURA CARDOSO, 2010, p. 35). Dessa forma, além de mesclar o uso das línguas locais com a portuguesa, também se investiu em um processo de descumprimento aos “apertados códigos do português”, como salienta Boaventura Cardoso (2010, p. 36), o qual resultou, no caso do texto deste escritor, em “morfossintaxes, semiologias, semióticas africanas, que não se conformam com o narrar do português-padrão” (BOAVENTURA CARDOSO, 2010, p. 37).

Outro aspecto dessa associação entre literatura e cultura está relacionado ao fato de que, conforme pontua Mourão (1978), as fases da literatura angolana, em sua sucessão cronológica, estão relacionados ao processo de colonização do país, como se a produção literária dos autores tivesse um “compromisso” de “registrar” a história da nação, denunciando e criticando o processo colonizatório, defendendo a negritude ou ainda contribuindo para a construção de nação. Diferentemente do que ocorrera em outros países colonizados pelos portugueses, tal como no Brasil, onde a literatura nasceu moldada pelos padrões de escrita europeus tanto nos aspectos formais quanto temáticos, havendo continuidade desses diálogos durante séculos, em Angola a literatura surge e se desenvolve com o olhar local, voltada para a realidade de seu país. Esse ponto de vista sobre a literatura é definido por Agostinho Neto (1978, s. p) em discurso, em 1975, no ato de fundação da União dos Escritores Angolanos, ao afirmar que “A literatura angolana escrita surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano”.

Essa afirmação cultural angolana através da literatura é ratificada quando críticos discorrem sobre possibilidades de definir tendências ou fases da literatura angolana e agrupam essa produção em momentos que aludem ao processo histórico do país e ao papel desempenhado por intelectuais e escritores. Exemplar dessa tendência é a abordagem proposta por Ferreira (1989) que aponta quatro fases da literatura de Angola: a primeira de alienação; a segunda de expressão que denota uma percepção da realidade, exprimindo a dor de ser negro, o negrismo

e o indigenismo; a terceira, voltada à consciência de colonizado num processo de desalienação da obra e do escritor; e a quarta, correspondendo à fase histórica da independência, é marcada pela reconstituição da identidade do negro africano. Sem entrar no mérito das classificações cronológicas atribuídas às produções literárias como processo de leitura da literatura, não há como negar a relação entre a cultura angolana e sua história e literatura. Nessa perspectiva, o romance teve um papel singular: o de mapear o cenário cultural angolano, como defende Chaves (1999, p. 21):

Pela trilha aberta por Assis Jr., iriam seguir Castro Soromenho, Óscar Ribas, José Luandino Vieira, Pepetela, José Eduardo Agualusa, entre tantos outros que, valendo-se do gênero, empreenderiam projetos de investigação que ajudam a mapear a fisionomia multifacetada do cenário cultural angolano.

Compartilhando a tese dessa relação entre literatura e cultura, como podemos perceber essa materialização nos textos? Desde sua origem, a literatura angolana apresenta traços que a aproximam linguisticamente da oralidade, algo que pode ser explicado em parte por suas raízes na tradição oral, tendo em vista que o processo de alfabetização e letramento é muito posterior à produção dos primeiros textos de natureza literária. Estes, baseados na tradição oral, são pautados em narrações de histórias fabulosas e fantásticas, havendo ainda textos de instrução e de ludicidade, referência aos provérbios que sintetizam a representação da “filosofia da nação ou tribo, no que toca a seus costumes e tradições” (SANTILLI, 1985, p. 7). Além disso, essa literatura também se ocupou em abordar canções e adivinhas, enfim, uma produção da comunidade ágrafa africana e de sua cultura.

Mas como a literatura local se manifestou em termos linguísticos? De um lado, havia escritores, usando as línguas crioulas de diversos grupos angolanos, preservando seu instrumento de comunicação, de outro, produções em língua portuguesa, língua calcada ao *status* de oficial, sendo explorada nos seus traços orais e “mesclada” com o linguajar angolano, o que se constitui em uma possibilidade de “reinvenção” da língua portuguesa, uma vez que

se a língua portuguesa foi introduzida como língua oficial em Angola, ela será, como diz Alfredo Margarido, “... influenciada pela língua autóctone e determinará a criação - não do que se chama o português do colonizador - mas de uma forma híbrida, mais negra do que portuguesa” (JORGE, 2006, p. 9).

A literatura escrita é iniciada com a literatura de viagens, feita por portugueses que, em crônicas, poesias e depoimentos, registraram suas impressões sobre a natureza exótica da África ao chegarem ao continente para colonização e expansão do território português. É nesse contexto uma literatura com olhar do europeu sobre o país, em que se observam pontos de vista eurocêntricos e o negro africano como sujeito inferior ao branco europeu. Através da literatura de alguns escritores, difunde-se um processo peculiar dos portugueses em Angola: o de minimizar a figura do negro africano, conduzindo-o a um patamar subalterno, pois o

pensamento dos colonialistas em Angola foi um dos mais redutores. Ao mesmo tempo que na esfera econômica procurava-se reduzir o homem africano ao simples papel de produtor de mercadorias, de que o colonialismo tinha necessidade, na esfera social, ele reduzia o africano ao simples papel de sujeito, no sentido de submetido (JORGE, 2006, p. 4).

A literatura nacional começa a se desenvolver apenas no final do século XIX e início do XX e, conforme Chaves (2003), do século XIX aos tempos atuais, a literatura angolana apresenta, entre outras funções, a de “fazer e refazer a história de um território e seus povos que, despedaçados e rejuntados pela ordem colonial, têm no horizonte a unidade ainda interdita pelas circunstâncias do presente” (CHAVES, 2003, p. 373). Essa literatura é motivada pelos movimentos da chamada “Negritude”, voltado à valorização dos direitos do homem de cor, e ser divulgada em jornais e revistas com o objetivo de colaborar no projeto de construção da identidade angolana, como exemplifica o romance de Antônio de Assis Júnior, *o Segredo da morta*, de 1929, o qual também traz a língua quimbundo como elemento caracterizador da identidade angolana, sendo considerado por Armando (1986) o primeiro romance angolano. Nessa perspectiva, salientam-

se os romances de Castro Soromenho, que narra confrontos entre tribos angolanas e o processo de assimilação da cultura do colonizador, estimulado pelos próprios angolanos.

Com Castro Soromenho, a literatura angolana torna-se um registro mais literário de um processo histórico de dor e violência do homem branco ao negro angolano, o que inclui referências às vítimas indefesas formadas por mulheres negras e multadas à mercê dos homens brancos. Referências que, em parte, devem-se à “convivência, experiência e conhecimento plenos do meio social, principalmente Lunda” (SOARES, 1983, p. 66). É nessa perspectiva que o romance *Viragem* narra formas de como os negros angolanos eram vistos pelo colonizador e como culturalmente o conflito entre as raças era estimulado, pois o texto de Soromenho apresenta uma “denúncia de um sistema colonial extremamente opressor, que não apenas colocava brancos contra negros, mas também negros contra os próprios negros” (CROSARIOL, 2010, p. 183), como pode ser percebido no trecho a seguir:

- Eu gosto da África, mas é em Luanda – disse D. Joana. – Aquilo é outra coisa; tem cinema, igrejas e até praia. [...].
- É fácil. O Nogueira que arranje transferência.
- O Afonso só gosta de viver no mato – interveio Paulina. – Habitou-se a isto e não quer outra coisa. Diz que é ele quem manda aqui, não é mandado por ninguém.
- Manda nos pretos, olha a grande coisa... – atalhou D. Joana. – Ainda se mandasse em brancos, vá lá. Em Luanda é que se vive bem. Todos os dias o criado da pensão me lia o jornal. O Alberto era um bom rapaz. Um preto de Cabina, esperto como um branco. E não era abusador. Ele ate sabia rezar como os brancos, não é verdade Paulina?
- Paulina sorriu-se e disse:
- A África seria boa sem pretos, sem mosquitos e sem bichos...
- A senhora o que queria era uma África sem África... E o Alves deu uma gargalhada. (SOROMENHO, 1957, p. 58-59).

Essas primeiras obras da literatura angolana impressa dão vazão ao diálogo fecundo entre a literatura e o processo de colonização do país, representando personagens símbolo da cultura local

e enfatizando um movimento contínuo de luta, violência, dor e sofrimentos percorrido pelos sujeitos de Angola. Como o movimento “Vamos descobrir Angola”, intelectuais, jornalistas e escritores, a partir dos anos 40 do século XX, fortalecem a resistência cultural ao colonizador. Surgem, então, especialmente na segunda metade do século XX, as obras literárias em prol da independência da colônia num movimento anticolonial e de referência a sujeitos proletários que vivem sem as mínimas condições de sobrevivência, como o fez José Luandino Vieira em *A cidade e a infância* e em *Luuanda. As mazelas sociais e econômicas* e a busca pela valorização local, na qual se inclui uso dos dialetos portugueses e tribais em detrimento do português de Portugal, são expostas nas composições de diversos escritores angolanos. Nas obras desses autores, a literatura assume um papel de resistência à dominação e aculturação europeia em defesa de um país nacional, e há uma “busca da cultura popular com o olhar centrado na própria maneira de ser de Angola, afastando-se, enfim, do padrão eurocêntrico” (ABDALA JÚNIOR, 2006, p. 213).

Ainda na primeira metade do século XX, “Ao lado da realidade cultural africana, vai criar-se uma cultura europeia que será, pouco a pouco, dominante” (JORGE, 2006, p. 3), algo que é registrado na literatura que, nesse contexto, busca “prosseguir a obra de contestação pacífica do projecto cultural do colonialismo português, dentre os quais, Assis Júnior, no início do século, será o principal representante, e vão radicalizar, cada vez mais, as suas reivindicações culturais” (JORGE, 2006, p. 4).

Nessa perspectiva, a partir dos anos finais de 1950, o foco de muitas obras é a representação dos sujeitos que vivem em musseques, pequenas casas de barro, e esses textos “terminam por funcionar como referência na representação do universo do colonizado, já nessa época, um excluído na periferia da antiga cidade colonial” (MANTOLVANI, 2007, p. 4) e por representar a dor e o sofrimento de angolanos diante da ditadura salazarista. Jofre Rocha, Manuel Rui, Antonio Cardoso e Jorge Macedo exemplificam essa tendência, que denunciam a resistência ao colonizador e a morte iminente na vida de cada angolano, ou seja, nessas raízes a literatura angolana cultua uma de suas funções: registrar sua história e resistir aos percalços a que é submetido o seu povo, enfim um papel

que parece acompanhar essa literatura até os anos recentes, como comprova a narrativa de João Melo, muito relacionada ao processo de independência do país.

Angola foi a última colônia africana a libertar-se de Portugal em 11 de novembro de 1975 quando Agostinho Neto proclamou a independência, e a literatura também se propôs a representar esse processo social e histórico. Em textos poéticos e em prosa, é possível perceber a imagem de um país pós-colonial que, em termos sociais, culturais e econômicos, ainda prescinde de desenvolvimento e superação de antigos problemas, como a violência, a corrupção e a desigualdade social que o acometia quando ainda era colônia portuguesa e lutava, em 14 anos de guerra, contra o exército português. Esse contexto sócio-histórico é intensamente representado na literatura angolana pós-75, caracterizada “como o lugar de denúncia, de negação ao sistema colonial e, principalmente, como lugar sugestivo de afirmação de uma identidade nacional” (DINIZ, 2012, p. 9). Um contexto que subsidia tanto a literatura produzida antes do processo de emancipação, como nas narrativas de Castro Soromenho que denunciam as agruras do país ainda fatigado pelo colonizador europeu, quanto a feita após a independência quando a busca pela identidade angolana e pela construção de nação torna-se tema fecundo nas obras poéticas e narrativas. Um processo similar tanto nos textos produzidos em língua portuguesa quanto nos elaborados com os idiomas nativos.

Considerando os exemplos de discursos literários acima citados, que projeções culturais angolanas essa literatura revela? Primeiramente uma função da literatura que não vemos com tanta intensidade em outros países de colonização portuguesa, haja vista a função dada pelos escritores e intelectuais angolanos à literatura como instrumento de registro histórico e linguístico e de perpetuação cultural do país, para além de denúncia e contestação de regimes de opressão vivenciados nesse espaço. Isso explica, pelo menos em parte, a contribuição de poemas e narrativas para a formação crítica, para a reflexão, para resistência ao colonizador e especialmente para a constituição da nação angolana com sua tradição, sua cultura. Por isso a presença em textos literários de expressões típicas dos idiomas locais, como exemplificam contos de João Melo em *Filhos da Pátria*. Se há, por

parte de alguns escritores, como Manuel dos Santos Lima em *As sementes da liberdade*, um excesso de denúncia e tendência documental na composição narrativa, há também o esforço de fazer do discurso literário um objeto de veiculação cultural.

Na composição de poemas e enredos narrativos, fragmentos são marcados pelo hibridismo de pelo menos duas culturas: a dos tecidos culturais genuinamente africanos e os do português europeu, como um mosaico de infinitas associações, que oportunizariam a configuração de uma terceira cultura: afroportuguesa angolana. Mesmo que percebamos o esforço da literatura em resistir à aculturação portuguesa, não há como separar algo que também naturalmente se mesclou. Textos de Castro Soromenho, como *Viragem*, *Terra morta* e *A chaga*, podem ser apontados como expoentes dessa tendência.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Palamed, 2006. p. 211-216.
- AMORIM, Cláudia; PALADINO, Mariana. **Cultura e literatura africana e indígena**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. **As literaturas africanas em língua portuguesa**. Ijuí: Livraria Ijuí, 1986. (Cadernos Luso-Africanos I).
- BOAVENTURA CARDOSO. Temáticas e ideais de escrita que perfilho. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). **Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. p. 35-39.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: EDUSP, 1999.

- _____. O romance em Angola: a identidade entre a história e a poesia. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 373-405.
- CROSARIOL, Isabelita Maria. O (não) lugar do cipaio no romance *Viragem*, de Castro Soromenho. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 71-184, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/139/268>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
- DINIZ, Ana Maria Carneiro Almeida. **Filhos da Pátria**: a representação de identidades angolanas na literatura de João Melo. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2012.
- FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano I**. Lisboa: Plátano, 1989.
- JORGE, Manuel. Nação, Identidade e Unidade Nacional em Angola Conceitos, Preceitos e Preconceitos do Nacionalismo Angolano. **Latitudes**, n. 28, dez. 2006, p. 3-10.
- LIMA, Manuel dos Santos. **As sementes da liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- MANTOLVANI, Rosângela Manhas. A Pátria de João Melo: Um Estado multicultural. **Revista Crioula**, n. 2, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/02/Dossie/DossieRosangelaManhasMantolvani.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2013.
- MELO, João. **Filhos da Pátria**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A sociedade angolana através da literatura**. São Paulo: Ática, 1978.
- NETO, Agostinho. Sobre a Literatura. **Cadernos Lavra e Oficina**. Luanda: União de Escritores Angolanos, 1978.
- OLINTO, Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Literatura e cultura – diálogos atuais. In: _____. **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. p. 7-13.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história & anotação**. São Paulo: Ática, 1985.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A importância da literatura e das artes plásticas no contexto da cultura angolana**. S.d. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62671-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- SOARES, Antonio Filipe. **Literatura angolana de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1983.
- SOROMENHO, Castro. **Viragem**. Lisboa: Sá da Costa, 1957.
- _____. **A chaga**. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- _____. **Terra Morta**. Porto: Campo das Letras, 2001.